

Carolina Gontijo Lopes

LAZER E EDUCAÇÃO AMBIENTAL:

Nas trilhas do Parque Estadual do Ibitipoca.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**-CAMPINAS-
2001**

Carolina Gontijo Lopes

LAZER E EDUCAÇÃO AMBIENTAL:

Nas trilhas do Parque Estadual do Ibitipoca.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

-CAMPINAS-

2001

Carolina Gontijo Lopes

LAZER E EDUCAÇÃO AMBIENTAL:

Nas trilhas do Parque Estadual do Ibitipoca.

Monografia apresentada como exigência parcial para conclusão de curso de graduação em Educação Física, na modalidade Bacharelado em Recreação e Lazer, orientado pela Professora Doutora Heloísa Turini Bruhns.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

-CAMPINAS-

2001



Prof. Dr. GUSTAVO LUÍS GUTIERREZ
Chefe Depto. de Estudos do Lazer
FEF/UNICAMP - Matr. 26802.0

Banca examinadora:

Prof. Dr. Antônio Carlos Bramante

Prof. Dr. Sérgio Stuch

Profa. Dra. Heloísa Bruhns

Para
Amigos de todos os lugares
Minha mãe, pai e avó,
Pois estimularam a busca
de novas conquistas
às pessoas do parque
que participaram desse meu momento
aos queridos funcionários da faculdade
A minha querida Cibele
e a Helô,
minha orientadora.

“Pensar certo demanda profundidade, e não superficialidade, na compreensão e na interpretação dos fatos. Supõe disponibilidade à revisão dos achados, de apreciação, reconhece não apenas a possibilidade de mudar de opção, de apreciação, mas o direito de fazê-lo.”

Paulo Freire

RESUMO

Monografia referente ao lazer em unidade de conservação e as atividades advindas daí (Caminhadas, camping, espeleologia), bem como suas relações com a preservação ambiental tentando captar a concepção de preservação entre usuários e funcionários.

O acentuado aumento do fluxo ecoturístico na atualidade relacionado com os impactos ambientais propiciaram esta pesquisa sobre Lazer e Educação Ambiental cujo objetivo central foi dectar as concepções de preservação adotadas no parque pela administração , turistas, funcionários da lanchonete e condutores turísticos e sua relação com o ecoturismo.Com este fim, utilizou-se da técnica de pesquisador observador e de questionários como fonte direta de dados.

A preocupação em preservar o meio ambiente esta presente desde a década de 70 juntamente com outros movimentos sociais: *hippies*, homossexual, industrial. Contudo o caráter preservacionista direcionado aos estudos e mobilizações quanto o impacto do ecoturismo é mais recente.

A preservação de áreas como Parque Estadual de Ibitipoca-MG tornou-se de suma importância com a crescente procura por Lazer em áreas naturais e devido a transformações destes espaços, necessitando de uma política de educação ambiental sustentável relacionada com a ocupação de espaço, equipamentos e das atividades de lazer.

Esta monografia está fundamentada nos estudos de autores como Fábio Cascino, Heloísa Bruhns, e Doris Ruschmann que em suas obras tratam de Educação Ambiental, lazer e Planejamento Sustentável.

Por meio deste trabalho constatei a importância de um trabalho multidisciplinar na administração do parque pensando em Educação Ambiental, pois amplifica o enfoque na área. Contudo constatei uma necessidade da criação de uma política de atuação voltada para Educação ambiental e lazer.

Endereço: Rua Antônio Augusto de Oliveira, 35. Res.Burato, Barão Geraldo.
Campinas/SP. CEP: 18.084- 320. Tel(019)3289-7275.
E-mail: carolminasfef@bol.com.br

Índice:

Apresentação.....	8
1- Parque Estadual de Ibitipoca: “centro ecoturístico”.....	11
1.1- A busca pela natureza:.....	16
1.2- Educação Ambiental: perspectiva histórica e proposta para o futuro.....	17
1.3- O enfoque do profissional de lazer e dificuldades da Ed. Ambiental no PEIb.....	25
2- Perfil estrutural, econômico e ambiental: as relações do trabalho dos guias turísticos.....	27
3- A Legalização do PEIb e o processo de sustentabilidade ambiental.....	32
4- Considerações finais.....	37
5- Referências bibliográficas.....	42
6- Anexos.....	45

1- Apresentação:

A amplitude do curso do bacharelado em Recreação e Lazer possibilitou, por meio de pesquisa de iniciação científica e trabalho de conclusão de curso, o aprofundamento nos estudos do ecoturismo e da Educação Ambiental, tema apropriado pela mídia, revistas e jovens dos centros urbanos, despertando com isso grande interesse pelo assunto.

Busco detectar a concepção de preservação ambiental presente na unidade proposta (Parque Estadual do Ibitipoca) e sua relação com o lazer e o trabalho no parque, em que interagem visitantes, condutores turísticos e administradores. Ela buscou desvendar a interpretação da administração sobre situações em que os usuários são identificados como danosos à preservação do meio ambiente e, em contrapartida, a análise das situações em que a administração foi identificada pelos usuários como negligente em relação à preservação ambiental do parque. Proponho verificar ainda, por meio de observação, como os espaços são apropriados e utilizados quanto a gênero, faixa etária, grupos e atividades, interpretando essa ocupação do meio ambiente, além de verificar a existência de uma política de educação ambiental e a forma como é executada

Devido a oportunidade de contatos com o Instituto Estadual de Florestas/IEF-MG, órgão responsável pela administração do Parque Estadual de Ibitipoca/PEIb, e a oportunidade de ter conhecimento do parque por revistas e amigos, e pela proximidade do perfil do parque para os meus interesses de pesquisa, decidi realizar a pesquisa nessa Unidade de Conservação.

No princípio tive dificuldades para organizar e planejar o tempo necessário para o aprofundamento bibliográfico, principalmente quando as informações

ampliariam-se devido ao contato com o acervo bibliográfico do parque, corrido através da pesquisa de campo no PEIb e IEF-MG. Entretanto na coleta de dados e informações à respeito do parque feita com os questionários, senti muita incoerência dos entrevistados devido às suas atitudes irregulares. Outras dificuldades surgiram no agendamento de reuniões com diretores do parque, devido às viagens dos mesmos e troca de diretoria.

O contato com os guias turísticos igualmente foi dificultado, devido a falta de conhecimento de locais para encontrá-los e dessa forma coletei dados de apenas dois guias.

Os funcionários do parque e cantina, ou diretores e guias turísticos foram, em sua maioria, receptíveis à pesquisadora e à pesquisa. O mesmo posso dizer da receptividade dos funcionários da Coordenadoria de Proteção a Vida Silvestre do Instituto Estadual de Florestas/IEF- MG, órgão responsável por pesquisas e estudos nos parques estaduais, os quais foram receptíveis e colaboraram na coleta de dados, concedendo entrevistas e consultas ao acervo bibliográfico de PEIb. Autorizando a realização da pesquisa e a utilização do alojamento do parque. Assumi o compromisso de envio para o IEF-MG de uma cópia dos relatórios e publicações a respeito dessa pesquisa para serem arquivados no departamento de Proteção a Vida Silvestre em Belo Horizonte e no Parque Estadual do Ibitipoca.

Por ser uma monografia decorrente de pesquisa de Iniciação Científica e que teve como método a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, considero suficiente a bibliografia existente, porém senti uma carência de estudos brasileiros que relacionem Educação Ambiental, Lazer e sustentabilidade. As 164 obras no parque possibilitaram selecionar livros e relatórios de pesquisa e aprofundar no

histórico do PEIb. Fundamentei este trabalho e meus estudos em autores como Fábio Cascino, Heloísa Bruhns e Doris Ruschmann que em suas obras tratam de Educação Ambiental, lazer e Planejamento Sustentável.

Procurei escrever a monografia em três partes para apresentar a pesquisa realizada no parque as quais agregam discussões geradas nas teorias e nos relatos das entrevistas e questionários.

Na primeira parte, caracterizei o “centro ecoturístico” do Parque Estadual do Ibitipoca e discuti as possibilidades de lazer, o trabalho do parque na área de educação ambiental e preservação. Aprofundando, relatei os motivos que levam o homem a procurar a natureza bem como as atuações da administração, guias turísticos e turistas na preservação. Tratei do histórico dos movimentos ecológicos e ambientais e relatei exemplos de infrações das leis do parque, a relação da comunidade com o PEIb e a questão do trabalho multidisciplinar. Finalizei este item, enfocando o profissional do lazer e as dificuldades em implementar novos projetos em PEIb.

Na segunda parte, tratei da estruturação e manutenção do parque e das mudanças no enfoque ambiental, além de discutir os serviços prestado pelos guias e a utilização do Centro de Informações no local.

Na última parte tratei do processo de legalização do parque e relatei as relações administrativas do IEF- MG com os diretores do parque, apresentando no final discussões sobre a sustentabilidade.

1- **Parque Estadual do Ibitipoca: “Centro ecoturístico”.**

O Parque Estadual do Ibitipoca, local da pesquisa, possui um perfil adequado para realização de aventuras como trilhas, caminhadas, passeios em grutas, banho de cachoeiras e campismo. É freqüentemente procurado por grande fluxo ecoturístico nacional e internacional principalmente por mineiros, cariocas e paulistanos.

Em 1973 ocorre a posse e incorporação pelo Instituto Estadual de Floresta - IEF de um novo acervo turístico de terras devolutas, situadas no local denominado Fazenda do Ibitipoca, no município de Lima Duarte para formar o Parque Estadual do Ibitipoca-PEIB. Tal medida se fez necessária e adequada, de acordo com a pesquisa “PEIB: levantamento dos aspectos históricos e culturais”, devido à crescente utilização do espaço, à necessidade de preservá-lo e aos interesses sócio-econômicos e turístico do estado pela Serra da Mantiqueira.

Localizado num braço da Serra da Mantiqueira numa área de 1488 hectares, com altitude entre 1000 e 1784m e formado por campos rupestres de altitude, o parque é o *habitat* natural de espécies únicas em extinção: quatis, onças pardas, lobos-guará, além de 210 espécies de aves que representam 13% do total de espécies do país. O parque possui uma das maiores biodiversidades existentes na Mata Atlântica e uma flora diversificada.

Os rios Salto e Vermelho, que cortam o parque, apresentam tonalidades ferruginosas conseqüência do acúmulo de matéria orgânica em decomposição nas bacias subterrâneas.

Destaca-se mundialmente por sua formação rochosa e por possuir a segunda maior concentração de quartzo do país. É formado por 163 espécies de líquens, sendo duas espécies endêmicas. Possui a segunda maior gruta de quartzo do país: a Gruta das Bromélias¹.

O Parque Estadual do Ibitipoca compreende, aproximadamente, oito grutas, cinco cachoeiras e locais especiais como a Ponte de Pedra e o Pico do Pião. Possui ainda área de Camping e lanchonete que oferecem maior comodidade para os visitantes. Acampar no parque é uma das grandes atrações devido às visitas do lobo-guará durante a noite. Estas características do local pesquisado propicia espaços favoráveis a experiências de lazer, oferecendo recursos para uma prática turística cada vez mais prestigiada – o turismo ecológico.

O ecoturismo consiste, segundo Bruhns(1997:86), em “viagens para áreas naturais não adaptadas ou não poluídas, com o objetivo de estudar, admirar e fruir a paisagem e suas plantas ou animais, tanto quanto manifestações culturais (do passado ou do presente) encontradas nessas áreas. Nesses termos, o turismo orientado para a natureza implica uma colocação científica, estética ou filosófica(...). O ponto principal é que a pessoa que pratica ecoturismo tem a oportunidade de mergulhar na natureza de uma maneira não possível no meio ambiente urbano”. A prática do ecoturismo é caracterizada pela busca da relação do homem com a natureza, ou seja, a busca do meio ambiente² sem grandes intervenções do homem e com perfil diferente do dia-a-dia urbano.

¹ - www.geocites.com/the_tropics. Dezembro, 2000.

² - Ruschmann, Doris. Planejamento Sustentável, 1997.p.10. Meio ambiente é a biosfera, isto é, as rochas, a água, e o ar que envolvem a Terra, juntamente com os ecossistemas que eles mantêm.

Segundo o levantamento produzido pela pesquisa “PEIb: levantamento dos aspectos históricos e culturais”, a criação do parque teve por objetivos garantir a preservação do ecossistema, possibilitar a realização de estudos e pesquisas científicas e oferecer condições para o turismo e a educação ambiental. Esse perfil favorece a caracterização do PEIb como “centro ecoturístico”, área ambiental do sul de Minas apropriada para experiências ecoturísticas.

As práticas de lazer no parque são feitas em grupos geralmente pequenos e autônomos ou grandes grupos organizados que planejam o seu tempo de acordo com o ritmo desejado e com orientação apenas do mapa oferecido no centro de informações do parque. No caso de Ibitipoca as experiências ecoturísticas não sofrem interferência de guias, monitores ou educadores ambientais para educar o turista e orientá-lo a relacionar de maneira pouco agressiva com o meio ambiente. O parque tem como instrumento de educação ambiental somente panfletos (Ver anexo: figura 1, p.46), indicando o limite do parque e as áreas para visitar, e latões (Ver anexo: figura 2, p.47) indicando a classificação do lixo como reciclado, orgânico e inorgânico. Mesmo com esses instrumentos, existe uma carência no parque de pessoas preparadas para orientar visitantes que solicitam do parque informações ecoturísticas.

O parque é um local favorável para todos os tipos de visitantes, como grupo de jovens, famílias, escoteiros e escolas. Esses visitantes com faixas etárias variadas ocupam o parque de acordo com seus limites físicos e interesses ecoturísticos. Em pontos turísticos como a Prainha e Lago dos Espelhos, próximos a cantina e aos locais de infraestrutura como banheiro, vestiário e *camping*, encontra-se um número grande de visitantes, sendo a maioria crianças com idade até sete anos,

aproximadamente, acompanhadas de seus pais. Em pontos turísticos como a Janela do Ceú e Gruta dos Três Arcos, o número de visitantes é reduzido, pois são locais que exigem mais das condições físicas dos visitantes, principalmente nos dias de sol, devido às trilhas abertas e à longa duração, de duas à cinco horas. Por essas condições, essas trilhas são mais visitadas por jovens e adultos que procuram maiores aventuras no parque.

O trabalho de Educação Ambiental focado na conscientização ecológica deve concretizar-se pela forte relação sócio-econômica com a comunidade, pois, com base nas premissas de desenvolvimento sustentável, o desenvolvimento de uma educação ambiental depende do envolvimento do meio humano, na tentativa de satisfazer as necessidades do relacionamento homem/natureza do presente sem comprometer essas necessidades das futuras gerações. Assim, a preservação e o aproveitamento dos recursos naturais seriam alcançados sem agredir a natureza e sem afastar o homem.

Cascino (1999:53) realiza uma crítica à Educação Ambiental, que centraliza sua ação “em atividades voltadas à formação de uma consciência ambientalista estrita, conservacionista e/ou preservacionista. Uma consciência restrita, portanto, a aspectos naturalistas, que considera o espaço natural “fora” do meio humano, independente dos meios socioculturais produzidos pelas populações.”

Medidas preservacionistas que têm como base o afastamento do homem do espaço natural ou mesmo a restrição desse a alguns espaços naturais, são deflagradas pelas atitudes infratoras dos seres humanos, pois se não forem educados a compreender e adotar essas medidas, muitas vezes o homem invade áreas de conservação em que o acesso é restrito ou desvia das trilhas recomendadas e

permitidas em busca da conquista de novos espaços ambientais e do relacionamento com a natureza prejudicando.

Quanto à questão do desenvolvimento sustentável, de acordo com as colocações de Queiroz e Valencio (1998: 17), “refere-se a uma tentativa de busca do bem-estar com segurança de condições de vida satisfatória no futuro e dos caminhos que o homem irá percorrer nesta busca do progresso, do crescimento e do desenvolvimento, que significam impasses atuais relevantes e requerem a escolha de estratégias adequadas, que levem em consideração a qualidade ambiental”.

Para manter o equilíbrio homem/natureza faz-se necessário medidas de educação ambiental baseada na aproximação do homem com o meio ambiente, que busque o bem-estar e a qualidade ambiental. O desenvolvimento sustentável é uma forma de dividir com a sociedade as responsabilidades para com a natureza pelas iniciativas da comunidade. Assim, as medidas de educação ambiental adotadas pela Unidade de Conservação referida e cidadãos de Conceição de Ibitipoca nesta busca do progresso, crescimento e desenvolvimento, não dependerão somente de iniciativas dos funcionários do parque e entidades como o Estado ou Governo porém, de todas as pessoas freqüentadoras.

1.1- A busca pela natureza.

O ser humano, cada vez mais, tem procurado a natureza para completar sua vida e satisfazer suas necessidades de lazer, num sentimento de totalidade decorrente das sensações propiciadas nessa relação. Assim, a natureza redescoberta pelo homem, a “natureza social”, como chama Santos(1992;p.17) apud Barros e Dines, ferece ao homem sensações provenientes da relação corporal com a natureza, provocando nele o sentimento de totalidade na origem.

Concordo com Bruhns(1997; 87) quando ela afirma que “O movimento humano representa, portanto, uma forma de comunicação e diálogo entre o homem e o mundo.” O homem é capaz de se comunicar com seu espaço social e natural, por meio de gestos, toque, olfato, visão, possibilitando por meio dessas sensações um diálogo com o mundo, seja meio urbano ou ambiente natural. O ser humano, pela comunicação com a natureza, através de trocas recíprocas, vem aumentando a relação com o meio ambiente e com o mundo. Dessa forma o movimento humano deve procurar o equilíbrio com a natureza, visando o equilíbrio de seu próprio corpo.

A busca do homem pelo seu próprio equilíbrio promovida pela relação do movimento humano com o meio ambiente favorece as experiências turísticas. O turismo possibilita às pessoas saírem do seu espaço e irem para outra realidade. De acordo com Conti (1997:21) apud Queiroz e Valêncio, “Em nosso século emergiu uma nova modalidade de deslocamento através do planeta: o turismo. Fruto da sociedade industrial e das conquistas sociais, o período anual de descanso que faculta ao homem o acesso ao turismo vem sendo aproveitado, cada vez mais, para a realização de viagens, alimentando o fluxo de pessoas que se deslocam a pequenas, médias e longas distâncias”. As pessoas, muitas vezes, procuram utilizar o turismo como experiência de lazer, devido à possibilidade de afastar-se do seu dia-a-dia e de seus hábitos rotineiros. Podemos perceber, principalmente no meio urbano, essa procura pelo turismo ecológico, em que as pessoas buscam as sensações de prazer provindas do contato com a natureza, dando espaço para o estado de paz e tranqüilidade e afastando a situação de stress do meio urbano.

As caminhadas, *mountain bike*, trilhas, escaladas e *canyoning*, são manifestações corporais em ambientes naturais, envolvendo interação entre corpo e natureza, que também influenciam na realização de viagens e na prática do ecoturismo. Mesmo sendo Ibitipoca uma reserva natural planejada, com algumas restrições quanto aos esportes da natureza, como a proibição da prática do *mountain bike*, *canyoning* e escaladas, a busca pelo ecoturismo é consideravelmente elevada. As reservas naturais planejadas são regidas por leis que protegem o local de deterioração e adequadas às possibilidades de experiências em lazer com a geografia do local.

A busca pela natureza vai além das sensações propiciadas pelas relações do turista com o meio ambiente, pois são muito freqüentes nesses momentos de lazer, a valorização das sensações provindas das relações entre as pessoas, seja entre família, seja entre amigos e pessoas desconhecidas. O relacionamento interpessoal pode ensejar o surgimento de novas amizades e fortalecer as existentes principalmente pelo distanciamento das atividades urbanas, como televisão, vídeos, computador, trabalho e outras.

1.2- Educação Ambiental: perspectiva histórica e propostas para o futuro.

Cascino(1992: 20) esclarece a origem dos movimentos ambientalistas e sua relação com o lazer e afirma que “o crescimento do interesse pela história natural revelou muito sobre as conseqüências da relação de exploração do homem com a natureza. Isso levou, inicialmente, a um movimento pela proteção da vida selvagem e, depois, as reivindicações para que fossem proporcionadas oportunidades rurais de lazer como antídoto para a vida nas florescentes conurbações industriais.”

A princípio, o movimento era direcionado para questões ambientais originadas da poluição industrial e dos problemas com a evolução tecnológica e a energia nuclear. Atualmente, com o grande avanço do turismo ecológico, os ambientalistas englobaram ao seu movimento as questões decorrentes das experiências de lazer e meio ambiente. A preocupação em preservar o meio ambiente nos anos 60, quando então aflorou outros movimentos sócio-político-econômico como o da liberação sexual e homossexual, a aceleração industrial e o movimento dos *hippies*, conquistou seu espaço na sociedade e criou forças aliada a esses outros movimentos. De acordo com Cascino(1999: 35), alguns fatores de mudança no meio ambiente contribuíram para esse movimento ambientalista: a era dos testes atômicos, uma série de desastres ambientais, avanços nos conhecimentos científicos e a influência de outros movimentos sociais. Contudo, o movimento ecológico, ao longo do tempo, sofreu alterações.

A massificação das atividades turísticas nas décadas de 50 a 70 foi favorecida pela dissiminação de empresas prestadoras de serviço de viagem, o aumento da urbanização e industrialização e a conseqüente redução de área verde e o impacto psicológico da atribulada “vida urbana”. Com a massificação, elevou-se o risco de deterioração em relação ao meio ambiente, devido, principalmente, ao grande número de pessoas presentes em ecossistemas frágeis e à falta de esclarecimentos sobre educação ambiental, o que provocou o rompimento do equilíbrio entre homem e natureza. A presença de turistas em massa nas áreas verdes nesse período, refletiu na atual preocupação dos ambientalistas, quanto ao impacto provocado pelos visitantes da natureza e as possíveis medidas para preservar áreas ambientais e turísticas.

Queiroz e Valencio (1998:13) afirmam que “O levantamento dos impactos ambientais, principalmente aqueles causados pelas atividades turísticas, constituíram um instrumento fundamental para reduzir a degradação da natureza.” Porém, considero que o levantamento faz parte do processo de criação de uma política de Educação Ambiental para o parque, pois de início se faz o levantamento e em seguida cria-se medidas de preservação ambiental a serem adotadas e implementadas no parque para reduzir a degradação ambiental. Contrariando a afirmação acima, em que somente o levantamento reduz a degradação ambiental. Assim, desenvolver a biblioteca do PEIB para uso dos visitantes, é um exemplo de medida adotada pela política de Educação Ambiental após o arquivamento de obras como o levantamento histórico do parque, catalogação da fauna e flora, além do investimento em trabalhos e estudos ecoturísticos que abordam a questão dos impactos ambientais advindos da relação homem com a natureza e das possibilidades de lazer no parque.

Considerado como fenômeno do século XX e futuro do século XXI, o ecoturismo carrega a possibilidade de constituir-se em instrumento legítimo para preservação da diversidade biológica, sendo necessários um planejamento e gestão responsáveis que busquem maximizar as vantagens desse tipo de turismo e reduzir os riscos de deterioração do meio ambiente.

As leis de proteção ambiental e outras específicas para a proteção dos recursos turísticos existem em quase todos os países para reduzir os riscos ambientais; porém, de acordo com Ruschuman (1997:50), muitas vezes, “o desencontro entre o discurso oficial e a prática cotidiana é flagrante”. Contradições como estas prejudicam as tentativas de implementação do planejamento sustentável

no Parque Estadual do Ibitipoca, pois as próprias pessoas interessadas na preservação do parque violam as leis de proteção ambiental(Ver anexo: figura 3,p.47), contrariando na prática seu discurso de preservação. Tornando-se distante da realidade do parque sua sustentabilidade ambiental e o cumprimento de suas leis.

A utilização de poderes advindos de cargos do Estado ou da mídia (televisão), movidos por interesse próprio, a pressão econômica e as relações políticas, para ter acesso liberado para passear, conhecer o parque e realizar trabalhos, muitas vezes cometem infrações às leis do parque, prejudicando a credibilidade dessas leis, pois visitantes que visualizam uma infração que não é punida, muitas vezes, cometem a mesma infração. Um exemplo foi o passeio de carro às proximidades do Pico do Pião pela TV Bandeirantes no programa “*Livre Acesso*” que é vetado aos turistas, e a visita da mesma equipe a Gruta das Bromélias, que estava interditada na época da gravação do programa, e mesmo assim, foi explorada. Essas atitudes estimulam turistas a cometerem infrações, pois muitos gostariam de entrar na Gruta das Bromélias e também ir de carro até o Pico do Pião.

Assim, apesar das leis, o desequilíbrio pode ocorrer; manifestações corporais provindas de atividades ecoturísticas, quando efetuadas sem planejamento, podem acarretar desequilíbrio do meio ambiente através de efeitos como desmatamento, erosões, desflorestamento, poluição ambiental e visual tornam-se freqüentes. Guimarães(1997:13) explicita a situação oposta ao planejamento sustentável, em que a individualização chegou ao extremo do individualismo, ou seja as pessoas procuram preservar somente o universo a sua volta e não aquele universo mais amplo da qual os seres humanos fazem parte. “O ser humano, totalmente

desintegrado do todo, não percebe mais as relações de equilíbrio da natureza. Age de forma desarmônica sobre o meio ambiente, causando grandes desequilíbrios ambientais”.

A contradição da ação destruidora do homem sobre o meio ambiente e a importância de uma natureza saudável para o homem interagir (comunicar-se) fundamenta-se na realidade social em que nos encontramos no parque.

No caso do PEIb, a comunidade apresenta-se com a necessidade de conhecimentos básicos de Educação Ambiental, Lazer e Turismo sustentável, para compreender sua participação no processo de preservação do parque evitando deterioração. Além disso, a análise de impactos econômicos, sociais, culturais e ambientais do ecoturismo traria resultados, como a preservação das características naturais, que beneficiaria a comunidade local e a administração evitando, por exemplo, a queda do fluxo turístico interessado nos recursos do parque. Os resultados da análise utilizados no trabalho de preservação evitariam parte da deterioração ambiental, como ampliação das trilhas. Por meio de novas sinalizações explicativas, ou seja, orientando os visitantes a seguirem as trilhas planejadas pelo parque e mostrando o porquê disso e ainda, explicações aos turistas sobre a importância de não retirar espécies devido a deterioração.

Ao tratar dos profissionais envolvidos com o ecoturismo, concordo com Ruschmann (1997: 50), ao dizer que “é preciso estimular o diálogo e o intercâmbio entre profissionais das duas áreas, a fim de que se desfaça o estereótipo de que os profissionais do turismo são poluidores e destruidores da natureza, e os ambientalistas, como doces visionários, economicamente irresponsáveis”. No entanto, muitas vezes, o profissional de turismo se identifica com esse estereótipo

ao orientar práticas, como *rappel* e escalada, que deterioram algumas paisagens como diagnostiquei em Ibitipoca, visitantes da área turística praticando o *rappel* nas rochas de quartzito de fácil processo erosivo.

Mas destaco, nessa colocação, a amplitude dos trabalhos e estudos sobre Educação Ambiental e o envolvimento de um “corpo multidisciplinar”, não somente do turismo ou de biólogos, pois a contribuição nesses estudos envolve quase todas as áreas. Assim como existe o profissional do lazer, do turismo e do biólogo, existem os cidadãos, indivíduos da sociedade que se relacionam diretamente com a natureza e são a base para uma política de educação ambiental de ecoturismo sustentável.

Por meio dos questionários (Ver anexo: figura 5,6 e 7, p.48,49 e 50) respondidos pelos funcionários e condutores é possível afirmar que tanto os funcionários do PEIb quanto os monitores ambientais, preocupam-se com a ampliação das trilhas pelos visitantes, limite da quantidade de carros no parque, boas condições de infraestrutura, coleta de lixo e turistas cientes com a preservação do parque. Mas quando ao escrever no questionário sobre as trilhas, percebi uma contradição, pois alguns funcionários e guias relataram a sinalização como precária e outros funcionários elogiaram a sinalização. Considero precária a sinalização em certas áreas mais afastadas da cantina e portaria, pois visitantes já se perderam nesses locais devido a existência de várias trilhas e a longa distância entre as placas, como observei, no caminho da Gruta dos Três Arcos à Gruta do Pião, e áreas com número elevado de trilhas clandestinas, como as trilhas que levam da Ponte de Pedra à Cachoeira dos Macacos. Nas proximidades da cantina a sinalização com placas é satisfatória para os turistas se localizarem, como o caminho da Prainha ao

Lago dos Espelhos. Nos questionários dos guias foi citado o trabalho de orientação nas trilhas pelos guias para preservação do local. Nota-se atualmente, por parte da administração, um afastamento com relação aos guias turísticos, que devido a existência desse conflito, relataram as expectativas com a nova administração.

Existe ainda a preocupação dos guias e funcionários com relação aos impactos provocados pelos carros de turistas, solucionada pela definição do limite de 40 carros dentro do parque. Outra preocupação levantada é quanto a acesso ao local, pois não existe transporte coletivo de Conceição de Ibitipoca até a portaria. Nesses três quilômetros de distância a estrada é precária com erosões que colocam em risco a ocorrência de acidentes.

A realidade da coleta seletiva de lixo é conhecida apenas pelos guias e alguns funcionários, ficando os turistas com a imagem da existência do tratamento eficiente de lixo. Observei nos questionários que funcionários do próprio parque mostraram desconhecimento pelo destino do material da coleta: *“parece ser eficiente”*.

O envolvimento dos turistas na preservação é considerado pelos funcionários, atualmente, mais atuante e eficiente. Contudo para os funcionários falta com frequência a conscientização dos visitantes quanto aos significados de preservação, bem como aos modos de preservação. Exemplificado na resposta de um funcionário à pergunta do questionário referente aos problemas do parque, ele escreve que *“a falta de conscientização de alguns são os principais problemas do parque”*.

Quando nos questionários pedi para comentarem sobre as formas de preservação ambiental observada no parque, notei uma diversidade de opiniões,

como “vídeos de preservação ambiental mostrados na lanchonete ou na portaria”, “estudos a respeito do parque para diminuir a degradação”, “recursos humanos que possam oferecer aos turistas maior conhecimento do parque”, “caixinhas de sugestões, palestras, informações por parte do parque as turistas”, “ajuda de organizações que possam patrocinar a capacitação de monitores e guardas do parque” e “a necessidade de melhor sinalização”. Observamos com estas respostas a importância de envolver todos na preservação do parque, pois se essas formas fossem adotadas e fiscalizadas por funcionários, guias, turistas e comunidade, favoreceria a sustentabilidade do parque e apoio à implementação de medidas preservacionistas.

Tanto os guias, quanto os diretores do parque e funcionários, relataram como problemas ambientais as pontas de cigarro, a alimentação do lobo-guará, o pisoteio das plantas pelos visitantes e a massa turística, mas medidas preventivas não foram relatadas.

Relacionando as respostas dos turistas nos questionários com suas atitudes perante o parque, observei grandes contradições. Cito, como exemplo, a questão da criação de trilhas alternativas relatadas nos questionários dos turistas como problema ambiental para o parque e quando estava com grupos de visitantes, observei vários deles cortando caminho para chegar mais rápido ou andar menos, como a subida para o Pico do Pião. Embora as pessoas tenham emitido preocupações com as questões ambientais, colocando-se prontamente a responder os questionários, no entanto, o discurso delas perante os questionários não condiz com a atitude diante do meio ambiente.

Como observa Gonçalves (1990: 17), “o movimento ecológico está inserido numa sociedade contraditória, por isso, são diversas as propostas acerca da apropriação dos recursos naturais. Saber distinguir dentre essas diferentes apropriações é uma das nossas tarefas políticas, pois, se todos falam em defesa do meio ambiente, é porque as práticas vigentes são tão contraditórias”. Neste contexto, fica exemplificado uma das grandes dificuldades em preservar, pois a pressão econômica, sob o poder de certos grupos, subestima muitas leis, fortalecendo a sociedade contraditória e, assim, o homem rompe o equilíbrio com a natureza da qual necessita para viver.

1.3- O enfoque do profissional do lazer e dificuldades da educação ambiental no PEIb.

A questão ecológica está inserida em campos diferenciados, porém sua presença na questão do impacto do ecoturismo no meio ambiente envolve a área de Educação Física, com enfoque no lazer através de ações diversas, como a percepção para evitar grande número de visitantes em um ecossistema frágil, bem como na elaboração e no planejamento de uma proposta de atividades e no planejamento de uma proposta de política de turismo sustentável para o parque.

O profissional do lazer deve perceber o prazer que as pessoas procuram nas experiências ecoturísticas. Os turistas, muitas vezes, não são receptivos aos programas de educação ambiental devido à abordagem inoportuna dos educadores ambientais em geral guias turísticos. A sensibilidade do profissional de lazer para com os turistas é favorável para o desenvolvimento de uma política de educação ambiental e de lazer. Os visitantes buscam atividades de lazer em contato com a

natureza e, muitas vezes, se deparam com funcionários que interferem nas suas atividades, limitando sua liberdade na prática.

No Parque Estadual do Ibitipoca diagnostiquei, em locais com índice elevado de impacto ambiental, a opção de reprimir os visitantes por meio de proibições de atividades turísticas para evitar o aumento do impacto ambiental. Placas proibindo a passagem sob a Ponte de Pedras Naturais chamam a atenção e a curiosidade dos turistas, na realidade, motivando-os a passar por aquele caminho impedido em busca de mais aventuras. Por meio de trilhas clandestinas criadas pelos próprios visitantes, turistas visitam algumas cachoeiras não indicadas no mapa e não sinalizadas no parque. Essas áreas não são expostas aos turistas devido aos impactos que esses visitantes podem causar nas espécies de vegetais, principalmente as espécies endêmicas de bromélias, podendo causar extinção de espécies pelo pisoteio dos visitantes.

Existe contudo, uma preocupação da administração do parque em desenvolver formas diferentes de preservar, como o projeto de educação ambiental nas escolas coordenado pelo diretor do parque e a solicitação do Instituto Estadual de Florestas/IEF-MG para uma pesquisa de uma política de Educação Ambiental para o parque. Porém para implementação de novos projetos existem várias barreiras, como a autorização legal do IEF-MG, a liberação de verbas e disponibilidade de pessoas especializadas na área ambiental interessadas em desenvolver projetos.

Contudo, mesmo com essas barreiras impossibilitando a viabilidade de novos projetos, existe da parte de ambos, diretores do parque e IEF-MG, a preocupação em preservar o meio ambiente e o interesse em manter o parque sob

condições naturais e ecoturísticas adequadas para garantir a prosperidade do “centro ecoturístico” mantendo a frequência turística.

2- Perfil estrutural, econômico e ambiental: prestação de serviço do guia turístico.

Nos primeiros anos de existência do parque, de acordo com os estudos da pesquisa “Parque Estadual do Ibitipoca: levantamento dos aspectos históricos e culturais”, foram realizados serviços básicos de manutenção e controle, como a construção de trilhas e estradas e a conservação de aceiros¹. A vocação turística da área manifestou-se nesse período com a instalação de uma área de *camping*, infraestrutura para os visitantes e alojamento para pesquisadores (Ver anexo: figura 4, p.35).

Entre os anos de 1984 e 1987 o Parque do Ibitipoca foi fechado para visitação pública, para reestruturação e implantação de equipamentos de infraestrutura, como casas de funcionários, lanchonete, vestiários e áreas de convívio. Outros projetos arquitetônicos e funcionais foram executados em anos posteriores. Mas, embora considerado um dos mais bem equipados parques do estado e mantendo uma situação fundiária plenamente resolvida, o PEIb, desde sua criação, apresenta carência de programas amplos de educação ambiental e de ecoturismo .

A preocupação, desde o início da fundação do parque, foi principalmente, estrutural e visual, preocupavam com a imagem do parque diante dos turistas e não com o aprendizado de educação ambiental e a satisfação desses nas suas experiências ecoturísticas, mostrando pouca valorização do trabalho dos guias ou da

¹ Aceiro *sm* Terreno debastado em volta de propriedades, matas e coivaras, para impedir comunicação de incêndio. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário da língua portuguesa. 1ª ed. RJ, 1985.

educação ambiental. Hoje a realidade é um pouco diferente, pois já se apresenta interdição em áreas de grandes erosões e risco e a preocupação em mostrar a importância da coleta seletiva, embora não se registre, ainda, regularmente, um trabalho de reciclagem do lixo coletado.

Maria Auxiliadora Drumond (1996:04) registra que, "desde 1989, observamos o impacto ambiental do turismo desordenado na Serra do Ibitipoca. O número de visitantes do Parque Estadual do Ibitipoca aumentou com a melhoria dos acessos e a cobertura da imprensa. O turismo tornou-se principal fonte de renda da região, pois na cidade atualmente o comércio, as festas e as pousadas são organizados e planejadas de acordo com a necessidade dos turistas; mas se ocorrer, futuramente, a degradação do meio ambiente natural, poderá acarretar a diminuição do número de turistas e uma crise econômica, devido a dependência dos habitantes aos arredores do parque deste turismo. Mesmo com essas possibilidades, a contribuição dos habitantes locais em preservar o meio ambiente de Ibitipoca é pouca."

A criação e a utilização de trilhas alternativas pelos visitantes destroem a vegetação e desencadeiam problemas de erosão, como no Paredão, na Ponte de Pedra e no acesso à Cachoeira dos Macacos. A fauna se concentra em locais mais afastados e menos visitados, sendo difícil ver animais próximos a trilhas; a flora sofre com a retirada de espécimes, podendo facultar a proliferação de espécies endêmicas pelos turistas. A vegetação também pode ser alterada ainda com freqüentes incidências de incêndio, devido, principalmente, a má conservação do aceiro que não impede assim a propagação de grandes chamas. Podem ocorrer incêndios no próprio parque quando as chamas do fogo ultrapassam o aceiro da

área, como já ocorrido. O limite do parque é traçado por aceiro que apresentam alguns problemas, pois parte de sua extensão não é considerada ideal pela atual administração do parque para evitar incêndios.

Nas cavernas a situação é grave. Para entender o problema, devemos conhecer suas características e contexto. Inicialmente, a causa dos problemas é o visitante. De acordo com dados de Karen Gimenez(Revista Aventura) dentro da gruta das Bromélias caminha-se em locais apertados e, em alguns momentos, equilibra-se com as mãos nas paredes. A gruta é um bom exemplo do que o homem pode fazer contra a natureza. Dos seus 2.750 metros de extensão, apenas um trecho de 180 metros pode ser visitado. Uma parte foi vetada porque o solo, antes repleto de bromélias e ninhos de andorinhão, passa por recuperação depois de ter sido pisoteado pelos turistas. Outra parte está fechada para deter desabamentos naturais; apresentam-se, também, danos visíveis, como as inscrições feitas por visitantes nas paredes das grutas e das cachoeiras. As grutas estão inseridas no contexto de uma Unidade de Conservação que possui dificuldades de fiscalização das rotas traçadas pelos visitantes, pois o parque tem uma área muito extensa e são apenas dois fiscais que não estão regularmente no parque que fiscalizam, ocorrendo a ultrapassagem da faixa de proibição nas grutas pelos visitantes curiosos e “aventureiros” provocando erosões e destruição de espécies vegetais.

Os lobos-guará, quando saem para procurar comida, invadem as barracas dos visitantes armadas no parque. O lobo nunca atacou pessoas, mas os administradores já se preocupam com esses hábitos dos guarás. Temem que o ciclo alimentar dos bichos mude. Por isso, a recomendação é de que toda a comida dos turistas seja pendurada em sacos plásticos nas árvores, longe do alcance dos lobos. Mesmo com

a troca de seus hábitos alimentares, os lobos continuam existindo e fazendo parte deste centro ecoturístico; entretanto devido à proximidade da presença humana, seus hábitos naturais são modificados, não apenas pela mudança de hábitos alimentares, mas também pelo contato com os turistas.

Em Ibitipoca existem condutores ambientais, ou seja, pessoas que participaram da capacitação oferecida pelo parque para orientar os turistas em PEIb. Todavia, são poucos os visitantes que se utilizam desses serviços, devido às facilidades de passear pelo parque mesmo sozinho e às dificuldades de solicitar um acompanhamento dos guias. Outras pessoas que não participaram da capacitação de condutores ambientais trabalham como guias no PEIb, e afirmam a necessidade de seu trabalho no parque de condutor; sentem, entretanto, grande carência de capacitação adequada e de apoio da administração do parque ao trabalho realizado.

O centro de informações poderia ser utilizado mais freqüentemente como difusor de educação ambiental. Vieira (1988; p.177) idealiza o centro de visitantes como um local dotado de biblioteca com informações do parque onde as pessoas que entram para pegar o mapa da região podem ver fotos dos animais do parque e utilizarem a sala para leitura. Para o turista que quiser mais informações, deve haver disponibilização de guias facultativos ou de funcionários para atendê-lo, aproximando-o, desta forma com a administração do parque.

A idéia do centro de informações é necessária para o trabalho de Educação Ambiental, mas sua má utilização não tem contribuído para preservar o parque e educar as pessoas. Freqüentemente, são arquivados e inutilizados estudos importantes. A Educação Ambiental nesse parque não deve ficar apenas sob responsabilidade de alguns guias e restrita ao material de conscientização existente

no centro de informações, pois, além de os guias serem facultativos, são poucas as pessoas que vão ao centro de informações. Considero que deveria haver envolvimento do trabalho dos guias com o centro de informações para melhor utilizá-lo e ampliar as possibilidades de trabalho dos guias.

A administração do parque procura manter um projeto de educação ambiental com as escolas do distrito e da redondeza. Toda semana, em período letivo, uma turma de crianças visita o parque sob o monitoramento dos próprios professores.

Não apenas como protetores da diversidade biológica, esses parques também são vistos, em sentido amplo, para fins científicos, educativos e turísticos.

3- A legalização do PEIb e o processo de sustentabilidade ambiental.

O poder Legislativo do Estado de Minas Gerais implementou a Lei Florestal-MG, Lei 10.561 de 27/12/91, como uma das primeiras ações estaduais no sentido de tratar da questão florestal em termos globais. Com esta lei é possível dar um tratamento legal específico às questões florestais peculiares ao Estado de Minas Gerais e ter na lei um instrumento eficaz e eficiente de ordenamento no setor florestal.

Entidades ambientalistas e representativas dos setores de produção e transformação florestal participaram amplamente da elaboração da minuta do decreto de regulamentação dessa lei junto com os técnicos do Instituto Estadual de Floresta- IEF e com a colaboração nacional do IBAMA, Instituto Nacional de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Disto resulta um documento que reflete a correlação de forças setoriais e espelha a opção da comunidade mineira pelo desenvolvimento menos agressivo ao patrimônio natural.

Carvalho (1991; Apresentação) coloca que o governo “do estado de Minas Gerais, através do IEF, ao dar a mais ampla divulgação a esta lei e a sua regulamentação, deseja estimular todos os segmentos da sociedade mineira, preocupados com os problemas ambientais, a trabalhar no sentido do aperfeiçoamento contínuo destes dispositivos legais e da convivência harmoniosa homem/natureza em nosso Estado.”

O Instituto Estadual de Florestas-MG é o órgão responsável pelo cumprimento da lei florestal no estado de Minas Gerais, incluindo os espaços de

parques ecológicos estaduais, e no caso específico do Parque Estadual de Ibitipoca, o IEF-MG é responsável pela autorização de pesquisas, estudos, novos projetos e pelo repasse de verbas; sendo a administração do PEIb trabalho dos diretores do parque e do IEF.

Trabalhando no parque existem, além do diretor geral e do gerente de Educação Ambiental, dois funcionários na recepção do Centro de Informações, aproximadamente vinte e dois na manutenção e seis funcionários particulares na cantina e os três guias turísticos do parque que são autônomos, além dos “guias clandestinos”, guias que não passaram pelo curso de capacitação oferecido pelo parque.

Notei que alguns funcionários demonstraram receio em responder o questionário da pesquisa. O receio, o medo, o desconhecimento, geram a pouca participação de alguns funcionários quanto as questões ambientais, além da carência de informações ambientais do parque, as quais poderiam ser dadas aos turistas. Por isso, os funcionários em sua maioria exercem apenas suas funções, seja de limpeza, atendimento ou obras. O trabalho da diretoria na formação dos funcionários poderia ocorrer de forma mais conjunta, num projeto de capacitação e informação sobre a área do parque. A administração do parque poderia reconhecer os funcionários como responsáveis, também, da preservação e garantir para esses maior amplitude de conhecimentos sobre o ecoturismo e a preservação, com o objetivo de minimizar os impactos

Durante a pesquisa de campo, no momento de coletas de dados junto aos funcionários, encontrei na portaria, um funcionário interessado em responder o questionário demonstrando na análise de suas respostas, possuir conhecimentos

básicos para preservação do PEIb, como diagnostiquei a importância de educar os turistas na sua fala: “precisando o parque apenas de recursos humanos que possam oferecer aos mesmos turistas, conhecimento do parque e do entorno.” Esse funcionário poderia ser considerado um exemplo para o parque de agente ambiental.

Na cantina do parque alguns funcionários apresentaram atitudes que se enquadram no processo de educação ambiental e ecoturismo sustentável, pois se aproximam de turistas para alertá-los de infrações como a utilização de sabão para tomar banho nas cachoeiras, pois polui as águas dos rios, e de problemas com o lobo-guará, como o aviso para não deixar seus alimentos dentro da barraca, pois o lobo rasga as barracas para pegá-los. Sendo a cantina um local onde a maioria das pessoas passam, comem ou descansam, o trabalho de educação ambiental feito pelo diálogo com os visitantes, através das funcionárias da cantina deve ser fortalecido e merecedor de maiores esclarecimentos ambientais e turísticos para esses funcionários. Outro fator diagnosticado no processo de Educação Ambiental e ecoturismo sustentável presente no parque, é apresentado pela cantina, na forma de latões de coleta seletiva de lixo, mapas e sacos de lixo, que foram obtidos pelos proprietários da cantina através de patrocínio.

Recentemente, foram instalados no parque latões de coleta de lixo seletiva. A lanchonete do parque, por meio de patrocínio, conseguiu para o parque latões coloridos e com indicações de lixo orgânico, inorgânico e reciclado, além de sacos para os turistas guardarem seu lixo, bem como mapas do parque com algumas regras e cuidados. O lixo é dividido nos latões de acordo com categorias, para facilitar a reciclagem que, entretanto, não é feita, pois não há usina de reciclagem

nas proximidades. Esta coleta seletiva fica apenas como uma forma de informar as pessoas para a necessidade de seleção. Considero importante desse trabalho de Educação Ambiental do lixo, a iniciativa da cantina e a imagem projetada aos turistas dos latões coloridos e explicativos para o processo de reciclagem do lixo, mas devo considerar como urgência a implementação do processo de reciclagem. Com isso a questão do lixo deixa de ser somente uma projeção de imagem aos turistas e passa a ser um recurso de preservação para a sociedade.

Por sua vez, o trabalho dos guias é paralelo ao trabalho de Educação ambiental dos diretores do parque, não havendo uma relação ou troca de informações dos trabalhos educativos realizados por ambos no parque.

A comunidade local, que depende do bom funcionamento do parque, ou seja, boas condições ambientais e turísticas, assim como os guias turísticos, no entanto, contribui pouco para a redução dos impactos ecoturísticos. A comunidade poderia oferecer transporte a um preço acessível e favorável, contribuindo para redução do número de carros no parque.

O parque poderia ainda buscar outras alternativas para contemplar o *déficit* causado no PEIB pelo ecoturismo, pois a grande dependência econômica do IEF-MG prejudica na administração. Contudo ao implementar uma política de Educação Ambiental e Lazer baseada na sustentabilidade da comunidade do município de Ibitipoca, cria-se um método para manter a preservação do parque, em parte, sob responsabilidade local, como a própria comunidade fiscalizar irregularidades dos visitantes no parque e instruí-los à preservar o parque.

A participação da comunidade local na preservação do PEIB deve ser aliada a administração dos diretores do parque na qual tem o dever de continuar com seu

trabalho, mas com o apoio dos interessados pela preservação do local, seja a comunidade das proximidades, os funcionários ou guias turísticos. Preocupa-se com um possível afastamento da administração do parque ou até mesmo do IEF-MG devido a difusão da responsabilidade ambiental para todas as pessoas interessadas e, se não for por meio da aliança da comunidade com a administração, esse processo de educação ambiental e ecoturismo sustentável pode acarretar interferências no repasse de verbas do IEF-MG para o local. A participação da comunidade deve acrescentar ao trabalho de Educação Ambiental proposto pela administração e IEF-MG, e obviamente, não assumir para ela todas as responsabilidades.

4- Considerações finais

Em momentos distintos dessa pesquisa tive oportunidade de ver reportagens e documentários do parque. Após um contato maior com o “parque”, ou seja, com as formas de administrar, medidas preservacionistas, regras internas, infraestrutura e condições ambientais do parque, constatei aspectos positivos e negativos da aparição do parque na mídia. A imagem do parque mostrada na televisão, a divulgação dos trabalhos de Educação Ambiental e dos trabalhos dos guias turísticos, valorizam o parque e criam vontade dos telespectadores em ir ao PEIb. No entanto criam-se expectativas, além das possibilidades do parque, e omitem, muitas vezes, leis florestais que regem o parque. Observei pelo programa da Bandeirantes, *Livre Acesso*, várias infrações mostradas como aventuras e ainda, relatadas pela repórter como ilegal ao público visitante, como o passeio pelas trilhas à noite, a entrada na gruta interdita, passeio de *Jeep* pela trilha. Havendo ainda distorções quanto a presença de fiscais no parque como rotina e do projeto de Educação Ambiental das escolas, como sendo as crianças da escola agentes ambientais constante no parque, denominadas como “Guardiãs da Serra”.

Enquanto houver esse tipo de abuso de poder, seja da mídia ou de cargos do Estado, citados na referente pesquisa, torna-se mais difícil educar as pessoas quanto a utilização do meio ambiente e a implementação de um plano de visitas baseada na preservação ambiental e uso ecoturístico.

A situação questionada anteriormente se relaciona com as formas de administrar de instituições públicas como o Parque Estadual do Ibitipoca. As relações administrativas existentes, IEF-MG e PEIb, o descomprometimento de funcionários públicos e as dificuldades financeiras dessas instituições, são algumas das causas que impossibilitam a implementação de novos projetos. No entanto, a atuação de ONGs- Organizações não Governamental e da comunidade no parque são alternativas administrativas que devem ser associadas ao trabalho ambiental dos funcionários existentes no parque. Na solicitação do IEF-MG a esta pesquisa de Iniciação Científica para apresentar uma proposta de política Educação Ambiental, foi destacado a sugestão da vinculação da política ao Grupo Temático de Ecoturismo/GTZ, Organização não Governamental do projeto Doces Matas (GTZ-IEF-IBAMA). Observei nessa solicitação a utilização de alternativas como ONGs para orientar esse projeto e financiá-lo. Entretanto, sugiro a essa solicitação a elaboração de uma Política de Educação Ambiental e Lazer baseadas nas premissas da sustentabilidade.

Tendo em vista os impactos ambientais provocados pelo ecoturismo, Barros e Dines (2000; 65) citam as estratégias de manejo propostas por Manning para o planejamento ambiental de uma área natural. Sugerem quatro estratégias que devem ser conciliadas uma a outra, sendo elas: “o aumento da oferta de opções turísticas dentro de um parque; aumento da durabilidade do recursos; redução do impacto do uso; e até mesmo o limite de uso. A divulgação no mapa de mais pontos turísticos, como a Cachoeira das Fadas, é uma estratégia para aumentar a oferta de opções turísticas e reduzir o impacto de uso, pois diminui-se aglomeração turísticas em

alguns pontos e reduz o impacto da massa. Em consequência dessas estratégias pode-se aumentar a durabilidade dos recursos.

O limite do uso do local utilizada em casos especiais, como na Gruta das Bromélias com perigo de desabamento e erosões contínuas, é fundamental. Entretanto, o público muitas vezes não compreende esse processo de recuperação e ultrapassa áreas proibidas.

O trabalho de Educação Ambiental no parque envolve restrição ao acesso dos turistas a algumas áreas, informações ambientais ao público por distribuição de mapas do parque, saquinhos de lixo aos turistas e latões seletivo de lixo e o projeto de Educação Ambiental com as escolas. Retomando a idéia de Manning(op.cit) podemos notar a carência de estratégias adotadas no parque e as poucas ligações entre essas, constatando nenhum plano administrativo para o parque.

Acrescento ao plano de manejo de Manning (op.cit.), a necessidade de suas estratégias se basearem na sustentabilidade ambiental, utilizando os funcionários do parque, guias turístico, diretores do parque e comunidade como agentes ambientais.

Uma nova categoria de profissionais prestadores de serviços no mercado de trabalho são grupos de ecologistas oriundos de centros excursionista do Rio de Janeiro e São Paulo, que se enquadram como agente ambiental devido aos seus princípios ambientais. Observei em Ibitipoca a presença constantes de centros excursionista, como o centro excursionista do Guanabara, o qual já executaram uma pesquisa em Ibitipoca.

A frequência turística, principalmente de famílias, no parque é favorecida pela segurança propiciada por esse aos visitantes. Sendo PEIb um parque florestal relativamente pequeno, com a possibilidade de áreas turísticas tranquilas e sem

grandes riscos, além de, raramente, os animais se aproximarem das trilhas e pontos turísticos. Assim, as pessoas utilizam e se apropriam do parque de acordo com seus limites físicos e interesses nas práticas de lazer.

As famílias, em sua maioria, utilizam-se do parque pela possibilidade das crianças brincarem em local seguro e em contato com a natureza, por isso não vão à locais distantes e ficam nas proximidades da cantina, Prainha e Lago dos Espelhos. Outros, como em sua maioria jovens, buscam PEIb como possibilidade de diferentes emoções e se dirigem a escalada que leva a Cachoeirinha ou a caminhada até a Janela do Céu. Contudo os cuidados dos turistas para evitar situações de acidentes no parque deve ser grande, pois não existe atendimento de primeiros socorros em PEIb e dependendo do caso, o atendimento vem de Lima Duarte, cidade mais próxima.

Quanto às concepções de preservação ambiental no parque constatei que tanto os turistas, diretores, funcionários e guias turísticos preocupam-se com a preservação ambiental do local, contudo não constatei um planejamento que procure envolver todos para atingir determinada meta, seja redução de trilhas ou contenção da erosão das grutas. Além do diagnóstico das concepções de preservação dos guias e diretores como divergentes, pois os diretores não visualizam a necessidade de contratação de guias pelo parque para trabalho de agentes ambientais.

Considero pela abrangência do tema à necessidade de novas abordagens, não apenas preocupadas com as questões ambientais como o referido trabalho, sendo fundamental uma abordagem sócio-econômica e cultural.

Concluo esta monografia com as colocações de Barros e Dines (2000;82) sobre Educação Ambiental, em que "as práticas de mínimo impacto evoluíram

muito desde quando eram expressas em princípios simples como “não deixe nada a não ser pegadas, não tire nada a não ser fotografias, não mate nada a não ser o tempo”, mas certamente temos muito a aprender sobre os impactos na natureza e a forma adequada de manejá-la. Basta a começar a mudar de atitudes”

- 5*

5- Referências bibliográficas:

- BARROS E DINES. Mínimo impacto em áreas naturais. In: A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental. Org. Célia Serrano. São Paulo. Chromos, 2000.
-
- BRUNHS, Heloísa Turini. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e aventura. In: Revista brasileira de ciências do esporte, 18 (2), Goiania, 1997.
- BOAVENTURA, Edivaldo M. Como ordenar as idéias. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- CARMO, Gonçalo Casino Moreira. Introdução aos estudos do lazer (resenha). In: Revista conexões: educação, esporte e lazer. Campinas, 1999.
- CASCINO, Fábio. Educação Ambiental: princípios, história e formação de professores. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1999.
- CAVALCANTI, Kátia Brandão e Elizabeth. Lazer e educação ambiental: o caso do parque em dunas de Natal. In: Anais do ENAREL. Belo Horizonte, MG, 1997.
- DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. O mito moderno da natureza Intocada. NUPAUB(Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras-USP).
- DRUMOND, Maria Auxiliadora. Sociedade Carioca de pesquisas

Espeológicas. RJ, 1996.

- FAJARDO, E. Ibitipoca: Uma explosão de harmonia. Ecologia e Desenvolvimento(26):30-7, 1993.
- GUIMARÃES, Mauro. A dimensão ambiental na educação. São Paulo: Papyrus, 1997.
- GONÇALVES, Carlos Water Porto. Os caminhos do meio ambiente. 2 ed., São Paulo: Papiros, 1990.
- HAWKINS, Donald, LINDBERG, Kreg. Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão. São Paulo, Sp.SENAC, 1993.
- IEF e BRANDT MEIO AMBIENTE. Peib: levantamento dos aspectos Históricos e culturais. Relatório de Pesquisa, Vol 1. BH: MG. 50 p, 1994.
- LEAL, H. Turismo Ecológico: A descoberta do Parque Estadual de Ibitipoca. Isto é(21): 4-9. Abril, 1992.
- CARVALHO, A(Apresentação). Lei florestal do Estado de Minas Gerais. Lei 10.561, de 27 de Dezembro de 1991. Decreto de Regulamentação. Lei 11.337, de 21 de Dezembro de 1993.
- LUDKE, M., ANDRE, M.E.D. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo, EPV, 1988.
- PARQUE ESTADUAL DE IBITIPOCA. Seminário de pesquisa. Anais UFJF. Núcleo de pesquisa e zoneamento ambiental. JF/MG,1996.

- PARQUE ESTADUAL DE IBITIPOCA. Disponível em: http://www.Geocities.com/the_tropics.
- PEREZ, R.C. & Grossi, W.R. Notas preliminares sobre o distrito Espeológico da Serra do Ibitipoca, Município de Lima Duarte, MG. Resumos do XVII Congresso Nacional de Espeologia, 1985.
- QUEIROZ E VALÊNCIO, Odálea T. e Norma F. Turismo e meio ambiente na represa do lobo: a dinâmica da ocupação espacial. In: Turismo e Meio ambiente. Org. VASCONCELOS, Fábio P. Fortaleza, FUNECE, 1998
- REVISTA AVENTURA (abril 2001). Caminho do lobo. São Paulo, Ed. Camelot.
- RUSCHUMAN, Doris van de Meene. Turismo e planejamento Sustentável: A proteção do meio ambiente. 5ed, Campinas, SP, : Papyrus, 1997.
- SERRANO, Célia. Org. A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental. São Paulo: Chromos, 2000.
- SEVERINO, Antônio J. M. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: autores associados: Cortez, 1992.
- VASCONCELOS, Fábio Perdigão. Org. Turismo e meio ambiente FORTALEZA, FUNECE, 1998.
- VIEIRA, M.E.G. Ibitipoca: um caldeirão efervescente. Monografia de bacharelado UFJF, Dep. Ciências Sociais; 189 p. JF/MG; 1988.

6-2

Anexos



Figura 2: Latões de coleta de lixo seletiva no PEIb.



Figura 4:Alojamento de pesquisadores no PEIb.



Figura 3: Fogo na mata; infração às leis do PEIb.

PESQUISA REFERENTE AO IMPACTO AMBIENTAL DO TURISMO ECOLÓGICO

QUESTIONÁRIO

Este questionário tem preocupação com a preservação ambiental do Parque Estadual Ibitipoca- MG relacionado com o aumento do Turismo Ecológico. Conto com sua colaboração para alcançar os objetivos do questionário referente a "Lazer e educação Ambiental: Nas trilhas do Parque Estadual de Ibitipoca".

Relate algumas dificuldades enfrentadas como guia do Parque Estadual de Ibitipoca.

em relação:

Trilhas: _____

Transporte: _____

Infraestrutura: _____

Administração do parque: _____

Outros: _____

Comente as informações passadas para os turistas.

em relação:

Locais de visita: _____

Trilhas: _____

Natureza: _____

Estadia: _____

Outros: _____

Comente as formas de preservar o meio ambiente natural e vegetal utilizadas no parque e por você.

PESQUISA REFERENTE AO IMPACTO AMBIENTAL DO TURISMO ECOLÓGICO

QUESTIONÁRIO

Este questionário tem preocupação com a preservação ambiental do Parque Estadual de Ibitipoca- MG relacionado com o aumento do Turismo Ecológico. Conto com sua colaboração para alcançar os objetivos do questionário referente a pesquisa "Lazer e educação Ambiental: Nas Ilhas do Parque Estadual de Ibitipoca".

Relate as formas de preservação do meio ambiente vegetal e animal adotada pelo Parque Estadual de Ibitipoca para manter a unidade de conservação.

em relação:

Ilhas: _____

Transporte: _____

Infraestrutura: _____

Coleta de Lixo: _____

Turistas: _____

Outros: _____

Comente a capacidade do parque de receber os turistas e de manusear as práticas rústicas

Relate os problemas atuais e previstos no parque quanto a presença do aumento das práticas do turismo ecológico.

Figura 7: Questionário dos funcionários

PESQUISA REFERENTE AO IMPACTO AMBIENTAL DO TURISMO ECOLÓGICO

QUESTIONÁRIO

Este questionário tem preocupação com a preservação ambiental do Parque Estadual de Ibitipoca- MG relacionado com o aumento do Turismo Ecológico. Conto com sua colaboração para alcançar os objetivos do questionário referente a pesquisa "Lazer e educação Ambiental: Nas trilhas do Parque Estadual de Ibitipoca".

1- Comente as formas de preservação ambiental adotada pelo Parque Estadual de Ibitipoca.

Com relação:

-Trilhas: _____

-Transporte: _____

- Infraestrutura: _____

- Coleta de Lixo: _____

-Turistas: _____

-Outros _____

2- Comente a capacidade do Parque de receber vocês (turistas) quanto a infraestrutura, localidade, indicações de trilha, camping e restaurante.

3- Relate os problemas atuais no parque quanto a presença crescente das práticas do turismo ecológico.

Figura 5: Questionário para os turistas